

# OFICINAS PEDAGÓGICAS: CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS PARA A ATUAÇÃO DOCENTE NO ENSINO DE ALUNOS AUTISTAS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Suzana Rosa André<sup>1</sup>; Maicon de Araujo Nogueira<sup>2</sup>; Ivaneide Leal Ataíde Rodrigues<sup>3</sup>;  
Antônia Margareth Moita Sá<sup>3</sup>; Paula Raimunda Araújo Teixeira<sup>4</sup>

<sup>1,4</sup>Graduação, <sup>2</sup>Especialização, <sup>3</sup>Doutorado  
<sup>1,2,3</sup>Universidade do Estado do Pará (UEPA),

<sup>4</sup>Universidade Federal do Pará (UFPA)  
suzanarandre@gmail.com

**Introdução:** As legislações construídas historicamente no país têm corroborado no sentido de produzir grandes transformações no contexto educacional brasileiro.1 Esta situação pode ser observada nos dados do Censo Escolar em relação à educação especial, demonstrando uma evolução no número de matrículas, que passou de 337.326 em 1998 para 900.000 em 2014, expressando um crescimento de 200% no número de alunos matriculados no ensino regular. No contexto das pessoas com Transtorno do Espectro Autista a implantação da Lei Berenice Piana - Lei nº 12.764/12, que institui o direito dessas pessoas é um dos primeiros passos para a sua inserção no ambiente escolar que, necessariamente, precisa de recursos e pessoal capacitado para tal atuação.2 Este estudo apresenta-se como contribuição aos estudos sobre inclusão de crianças autistas na rede de educação da Região Norte, compartilhando a experiência de monitoria, na qual, apresenta-se e descreve-se algumas metodologias intervencionistas e orientações em relação ao acolhimento de crianças autistas. **Objetivos:** Descrever as estratégias pedagógicas e experiências formativas desenvolvidas durante o estágio de monitoria no acompanhamento de crianças autistas tendo como foco de atuação, alcançar seus níveis de desenvolvimento potencial, utilizando como base para reflexões, a teoria sócio histórica de Vygotsky, a qual afirma que o desenvolvimento humano se dá por meio das relações sociais que o indivíduo estabelece no decorrer de sua vida, ou seja, que o processo de ensino-aprendizagem também se desenvolve por meio das interações que vão se desenrolando no decorrer da vida. **Descrição da Experiência:** O presente estudo consiste em um relato de experiência da execução de oficinas pedagógicas no estágio de monitoria em um Centro de Atendimento Psicológico Infantil (CAPSi), localizado no município de Ananindeua, Pará, no período de setembro a novembro de 2015, após a prévia autorização da coordenação e direção. O Centro atende gratuitamente crianças com deficiência intelectual, paralisia cerebral, Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), hiperatividade e déficit de atenção. Promovendo o diagnóstico e o tratamento continuado, constituído por equipe multidisciplinar, visando atender as crianças em suas necessidades físicas e psicológicas além de promover seu desenvolvimento pleno. Trata-se de um olhar qualitativo, que abordou a problemática delineada a partir de métodos descritivos, observacionais e participativos. **Resultados:** Durante a monitoria, acompanharam-se as atividades da psicóloga e da pedagoga responsáveis pela elaboração e aplicação das oficinas. Chegando ao local, houve a recepção realizada pela psicóloga, o que favoreceu a familiarização com o ambiente e possibilitou o conhecimento acerca da dinâmica das atividades, os horários disponíveis e objetivos de aprendizagem propostos. As oficinas eram ofertadas três vezes por semana, segunda, terça e quarta das 09h00min às 12h00min. A monitoria foi dividida em três momentos: busca de referencial teórico sobre inclusão de crianças e jovens autistas nos diversos níveis de ensino; observação das ações realizadas pela psicóloga e pela pedagoga, sem interferência; e aplicação das atividades propostas junto às responsáveis, comunicando-se com as crianças e seus familiares. Os grupos atendidos durante as oficinas eram formados por crianças entre 05 a 10 anos, em

sua maioria meninos, sendo todos os pacientes do centro e com diagnóstico de autismo, variando de graus leves aos mais graves. Aplicou-se as atividades propostas junto às responsáveis, comunicando-se com as crianças e seus familiares. Cada oficina durava uma hora, e em alguns casos, os responsáveis das crianças participavam do momento. A oficina contava com dois momentos, o primeiro era o de acolhimento das crianças, esta etapa era marcada pela socialização entre eles; o segundo momento era a aplicação das atividades estimulantes, como desenho livre e pintura. Os dois momentos possuíam instrumentos de mediação diferentes, porém com um mesmo objetivo: melhorar a interação das crianças com o meio. O primeiro momento consistia principalmente em acolher as crianças, e sinalizar o início das atividades, visto que eles são ritualizados, possuem dificuldades para interagir com seus pares e muitas vezes, apresentam dificuldades em mudar de rotinas.<sup>3</sup> Essa etapa objetiva inserir as crianças naquele novo momento, tentando acalmá-los ao máximo. Utilizou-se músicas infantis, alegres e conhecidas por muitos deles, que os estimulavam a cantar e dançar com os pesquisadores e com seus pares, promovia-se assim sua interação com o meio, pois a interação é um meio de campo essencial de realidade socialmente compartilhada, fornecendo o contexto intersubjetivo para o processo de simbolização.<sup>4</sup> No segundo momento, após o acolhimento, iniciavam-se as atividades estimulantes, onde cada criança realizava uma atividade específica, elaborada para ela e que iria contemplar alguma de suas necessidades. Tomando como referência a abordagem de Vygotsky<sup>5</sup>, atuou-se justamente na Zona de Desenvolvimento Proximal das crianças, buscando por meio das atividades, alcançar os seus níveis de desenvolvimento potencial. Ao final de todas as oficinas, as crianças eram estimuladas a guardar os brinquedos e/ou objetos, utilizados durante as atividades, objetivando promover a disciplina e sua organização sensorial dentro e fora daquele ambiente. Durante as oficinas foram utilizados diversos recursos como instrumentos mediadores. Ressalta-se alguns casos de evolução em relação à interação social, aspecto mais comprometido em pessoas autistas, enfatizando a importância da intervenção para o desenvolvimento pleno destas pessoas desde a infância. **Conclusão/ Considerações Finais:** Apresentou-se algumas orientações, metodologias e recursos utilizados durante as oficinas no CAPSi, baseando-se na Teoria Sócio histórica de Vygotsky. Ressaltam-se alguns casos de evolução em relação à interação, aspecto mais comprometido em pessoas autistas, enfatizando a importância da intervenção para o desenvolvimento pleno destas pessoas desde a infância. As demandas do mercado impõem ao docente a preocupação com as características dos alunos, principalmente em relação aos alunos com necessidades educacionais especiais, visto que, não somos realmente preparados para atendê-los durante a graduação. A monitoria sendo uma atividade de apoio aos processos de ensino-aprendizagem e preparação para formação futura do docente permite adquirir experiências e saberes, tanto no aspecto dos saberes populares, quanto no saberes técnico-científicos. O aprendizado e o resultado da aplicação destas metodologias são registros importantes no cotidiano da prática dos profissionais de saúde, por desenvolver nestes um olhar mais aguçado em torno das pessoas com necessidades especiais, valorizando suas potencialidades dentro e fora do ambiente escolar com vista a promover a emancipação humana, que é o verdadeiro exercício da cidadania. Acredita-se ser necessário estender os estudos a outras realidades, permitindo o acompanhamento de experiências similares afim de identificar outras dificuldades e/ou facilidades no processo de formulação de novas abordagens dentro e fora do contexto educacional.

## Referências:

1. Farias IM, Maranhão RVA, Cunha ACB. Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada. *Revista Brasileira de Educação Especial*. 2008.14(3): 365-384.
2. Brasil. Ministério da Educação. Portal Brasil. Educação inclusiva. Estatísticas revelam que política adotada pelo governo promove acesso e expansão. 2014. <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/31872>.
3. Nunes DRP, Araújo ER. Universitários com Síndrome de Asperger: potencialidades e desafios. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2011.
4. Sanini C, Bosa CA. Mediação, autismo e educação infantil: Práticas para engajar a criança em atividades. In *Anais do V Congresso Brasileiro de Comunicação Ativa*. 2012. Porto Alegre RS, Brasil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012. [http://www.ufrgs.br/teias/isaac/VCBCAA/pdf\\_resumo/116539\\_1.pdf](http://www.ufrgs.br/teias/isaac/VCBCAA/pdf_resumo/116539_1.pdf).
5. Vygotsky LS. *A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 5 edição. São Paulo. Martins Fontes. 1994.